

Recessão industrial continua

Reativação da economia? "O que houve nos últimos três meses, na verdade, foi uma recuperação na venda de bens de consumo. Não houve investimentos, que são a chave para a retomada da produção", afirma o professor de Economia da PUC, André Lara Resende.

Os números do IBGE mostram que, apesar de uma ligeira melhora no índice de crescimento da atividade industrial, a produção até abril ainda está 11,6% abaixo do ano passado. O setor de bens de capital, a maior vítima da recessão, está produzindo menos do que em 1975. Em relação ao ano passado, apresenta uma queda de 24,7%.

— O problema é que agora estão começando as primeiras quebras, fato que não ocorreu ano passado, quando a recessão estava mais forte mas as empresas ainda estavam capitalizadas de anos anteriores — lembra André Lara Resende. Há mais de dois anos, as empresas pagam taxas de juros acima de 130% ao ano, consequência da política econômica do Governo. Grandes grupos, como a Coferraz, Avisco, Atma, Vigorelli e Corrêa Ribeiro pediram concordata neste semestre.

As recentes medidas do Governo para estimular o consumo — redução do IOF e liberação do crédito ao consumidor — só se refletiram num aumen-

to das vendas de eletrodomésticos, automóveis e, principalmente, vestuário. "Essas medidas não tiram a economia da recessão. O que faz uma economia crescer é a capacidade de investimento", acha um economista da UERJ, que questiona ser possível um crescimento de 5% do Produto Interno Bruto, como quer o Governo, apenas com medidas voltadas para estimular o comércio.

Emprego

A crise da indústria se reflete no emprego. Embora o Governo defina o atual nível de desemprego como "conjuntural", "passageiro" e "setorial", o economista José Cláudio Ferreira da Silva, em artigo no último número da revista *Conjuntura Econômica*, adverte que o problema é muito mais grave. O emprego no setor industrial, nos primeiros três meses deste ano, ainda foi mais de 10% inferior ao nível dos mesmos meses do ano passado.

Em seu artigo, José Cláudio Ferreira da Silva alerta para a possibilidade de uma ampliação do desemprego nos próximos anos. Considerando o crescimento da população economicamente ativa, diz ele, mesmo se a economia crescer a 5% ao ano, "a taxa de desemprego em 1985 seria 6,4% superior à de 1980, algo entre 2,5 e 3 milhões de novos desempregados".